

CURSO DE PSICOLOGIA

Daniela Fischer

**“EU SOU QUEM ENTÃO?” O RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Cruz do Sul

2018

Daniela Fischer

**“EU SOU QUEM ENTÃO?” O RECONHECIMENTO DO TRABALHO DOCENTE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, como parte integrante da disciplina de Trabalho de Curso II, para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Karine Vanessa Perez

Santa Cruz do Sul

2018

“Eu sou quem então?” O reconhecimento do trabalho docente na educação infantil

Daniela Fischer, Karine Vanessa Perez

Universidade de Santa Cruz do Sul (Santa Cruz do Sul, RS, Brasil)

Este estudo teve como objetivo geral compreender como o reconhecimento do trabalho docente na educação infantil interfere na saúde dessas professoras. Buscou também entender as modificações no contexto da educação infantil e os fatores produtores de prazer e sofrimento decorrentes do ambiente laboral. A pesquisa foi realizada em um município do interior do Rio Grande do Sul, com oito docentes da primeira etapa da educação da rede pública de ensino, por meio de entrevistas semi-estruturadas. A metodologia utilizada foi uma adaptação da Psicodinâmica do Trabalho *strictu sensu*. O trabalho docente na educação infantil tem passado por modificações ao longo do tempo. Essas também se referem a organização do trabalho atual, em que algumas professoras precisaram assumir a responsabilidade pedagógica de mais de uma turma. Isso provocou grande sofrimento nas docentes. Percebe-se que há uma desvalorização social em relação a educação infantil. Por outro lado, há o reconhecimento por parte das crianças com as quais as professoras trabalham, manifestado por meio do afeto e do carinho. O reconhecimento é fundamental para que o trabalho tenha sentido para o sujeito.

Palavras-chave: Reconhecimento do Trabalho, Trabalho Docente, Educação Infantil, Saúde do Trabalhador, Psicodinâmica do Trabalho.

“Then Who Am I?” The recognition of the teaching work in childhood education

This study had as general objective to understand how the recognition of the teaching work in the childhood education interferes in the health of these teachers. It also sought to understand the changes in the context of childhood education and the factors that produce pleasure and suffering due to the work environment. The research was carried out in a municipality in the interior of Rio Grande do Sul, with eight teachers from the first stage of public education, through semi-structured interviews. The methodology used was an adaptation of the Psychodynamics of Work *strictusensu*. Teaching work in childhood education has undergone changes over time. These also refer to the organization of the current work, in which some teachers had to assume the pedagogical responsibility of more than one class. This has caused great suffering in the teachers. It is perceived that there is a social devaluation in relation to childhood education. On the other hand, there is the recognition by the children with whom the teachers work, manifested through affection and

endearment. In this sense, it is perceived that recognition is fundamental so that the work has meaning for the subject.

Keywords: Work Recognition, Teaching Work, Childhood Education, Worker's Health, Psychodynamics of Work.

Introdução

As atividades das docentes têm passado por muitas mudanças, inclusive na organização do trabalho educacional. Atualmente a responsabilidade pela parte pedagógica de mais de uma turma tem provocado muito sofrimento nas professoras que são foco desta pesquisa. A discrepância entre o trabalho prescrito e o real faz pensar sobre como se sentem as profissionais no contexto escolar (Dejours, 2004).

Desse modo, este estudo teve como propósito compreender como o reconhecimento do trabalho docente interfere na saúde dessas professoras. Também buscou-se identificar os fatores produtores de prazer e sofrimento e como a docência na educação infantil vem sendo configurada. A relevância social para estudar esse tema diz respeito a centralidade do trabalho, sendo esta uma atividade que permeia a vida de todas as pessoas. Também porque há ainda pouca literatura relacionada ao tema trabalho, reconhecimento e saúde das docentes da educação infantil. Ao propor essa discussão é indispensável considerar a saúde do trabalhador.

Quando o sujeito não consegue criar estratégias para ressignificar o sofrimento, ele pode adoecer. O reconhecimento pode auxiliar a transformar essas vivências em prazer. Nas relações, assim como na construção da identidade, o olhar do outro é fundamental, para que possa ocorrer o reconhecimento (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994). Esse fator contribui para a manutenção da saúde mental dos trabalhadores (Perez, 2014). Constitui-se em elemento significativo para que o sujeito possa adquirir realização e satisfação no trabalho, além de conferir sentido a sua vida.

Foi escolhido utilizar o termo professora(s) devido à maioria das trabalhadoras dessa etapa da educação ser pessoas do gênero feminino. Brito et al. (2014) trazem que vários autores ressaltam essa questão de gênero na docência, em que tal profissão é atrelada a função de educar associada a condição materna.

Diante disso, este estudo fundamenta-se teórica e metodologicamente na Psicodinâmica do Trabalho. Sendo assim, no decorrer do artigo será abordado como a docência se constituiu na educação infantil, bem como a atual configuração da organização do trabalho. Também foi desenvolvida uma discussão sobre os fatores que impactam na saúde e a relação do reconhecimento como um aspecto importante para a transformação do sofrimento em prazer.

O mundo do trabalho e a (in)visibilidade docente na educação infantil

O mundo do trabalho passou por diversas transformações ao longo da história, o que tem despertado o interesse de investigação sobre a sua repercussão na vida humana (Perez, 2012). A atividade laboral possui tanto um aspecto ligado à sobrevivência quanto a condição de realização e reconhecimento pessoal. O trabalho é vital para as pessoas. Por meio dele se sentem úteis e estabelecem grande parte das suas relações, significando a si mesmas e a vida (Bertani & Barreto, 2004).

No universo capitalista, a fragmentação da organização do trabalho em relação às tarefas não é novidade. Novas formas de produção para aumentar o rendimento dos trabalhadores foram pensadas. Então, houve uma intensificação do trabalho e, como consequência, o desenvolvimento crescente da velocidade e habilidade na execução, através da repetição da mesma tarefa por horas e meses (Merlo, 2000).

Na década de 1980, houve profundas transformações no mundo do trabalho em países capitalistas, nas formas de produção, representação sindical e política. Esse fator repercutiu na subjetividade das pessoas, afetando a forma de ser dos trabalhadores. Nesse período, o taylorismo e o fordismo, vigentes no século XX, já não são únicos e se misturam com outros processos produtivos. Em alguns casos esses modelos foram substituídos pelo toyotismo (Antunes, 1998).

No trabalho docente também houve a reestruturação em sua definição e natureza, o que trouxe várias consequências para a organização e gestão escolar. Essa nova estrutura se refere à polivalência e intensificação da atividade laboral, tanto em relação ao aumento das atividades quanto pelo acréscimo do número de estudantes, sendo que este crescimento não foi acompanhado do aumento de número de professores contratados (Brito et al., 2014). Ao pensarmos no contexto histórico, deparamo-nos com as transformações pelas quais a infância vem passando e que exigem novas posturas das professoras, a fim de vivenciá-las na perspectiva do ensino-aprendizagem.

Para atuar como docente nessa área é necessário que o profissional tenha formação específica para essa faixa etária, em curso de licenciatura plena em nível superior, sendo também admitida a qualificação oferecida em nível médio, na modalidade normal (Brasil, 2017). A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) exigiu formação específica às professoras desse nível de ensino, em que as faculdades de Pedagogia assumiram essa função na qualificação das profissionais (Martins, Vieira, Feijó & Bugs, 2014). Ser professora requer a atualização constante para atender as demandas emergentes em cada contexto. As práticas relacionadas à educação infantil passaram a ter uma nova compreensão das instituições voltadas a esse público. A partir disso, viu-se que os princípios do educar e cuidar devem ser complementares e associados, percebendo a criança como um ser integral e a importância do caráter pedagógico na infância (Bruel, 2010).

Para Dejours (2003) quando se exerce uma profissão investe-se nela energia, paixão e mobilizações subjetivas, sendo necessário que essa contribuição seja percebida e valorizada pelos outros. O reconhecimento é essencial para a saúde dos sujeitos e possibilita que o sofrimento adquira sentido. Após, pode ser reconduzido na construção identitária da pessoa. Gernet e Dejours (2011) escrevem que ela não é definitiva, vista sempre como incompleta. Por essa razão, as pessoas precisam constantemente da confirmação do outro.

Nesse sentido, a gratificação, realização, reconhecimento, liberdade e valorização do trabalho podem favorecer as vivências prazerosas. Inevitavelmente experiencia-se o sofrimento quando se confronta o real do trabalho. O reconhecimento proporciona que possamos nos sentir úteis à instituição e pertencentes a um coletivo de trabalho. A valorização pode ocorrer tanto pelos superiores hierárquicos quanto pelos pares (Augusto, Freitas & Mendes, 2014).

O trabalhador não é passivo frente à organização do trabalho e busca elaborar recursos para se proteger contra o sofrimento e o possível adoecimento. No Brasil, com as transformações sociais do século XIX, ocorreu a expansão do ensino e com isso a profissão docente foi ocupada majoritariamente por mulheres. O trabalho feminino foi solicitado como uma forma de redução de custos, pois era percebido como pouco qualificado em relação aos homens. Esse fato evidencia a desvalorização da mulher no mercado profissional (Brito et al., 2014). A questão do gênero feminino ainda é muito presente no universo educacional, principalmente na primeira etapa de ensino.

Percebe-se que a dinâmica do reconhecimento frente ao trabalho realizado é de extrema relevância. Por meio deste fator, além de produzir serviços, o sujeito transforma a si mesmo. O investimento e envolvimento na atividade laboral têm consequências na identidade. A maneira mais importante de reconhecimento provém do trabalho realizado e não do sujeito (Gernet & Dejours, 2011).

A Psicodinâmica do Trabalho como metodologia

A pesquisa foi realizada a partir da proposta da Psicodinâmica do Trabalho. Essa abordagem investigativa diz respeito à clínica do trabalho. Esta analisa o contexto laboral em vários aspectos buscando acessar seus processos de subjetivação, vivências de prazer e sofrimento, processos de saúde-doença e as mediações entre o sujeito e o real (Mendes, 2007). O que interessa é conhecer o trabalho vivo, a prática, a mobilização para fazer, o envolvimento da inteligência, os desejos do trabalhador, como também o que é oculto, negado, “não dito” (Mendes, Araújo & Merlo, 2011).

Possui bases psicanalíticas e, assim, se prioriza a escuta e não a simples observação (Castro & Merlo, 2011). Conforme Mendes (2007), o objetivo da clínica do trabalho é a escuta do sofrimento, das elaborações realizadas, as quais produzem no trabalhador a recuperação das capacidades de

pensar e agir e, assim, o resgate de sua emancipação. Segundo essa perspectiva, o sujeito é constituído por conflitos intrapsíquicos e na relação com o outro. Por isso, o reconhecimento a partir olhar do outro se faz importante para a ressignificação do sofrimento, transformando-o em prazer (Gernet & Dejours, 2011).

Essa abordagem teórica postula que a escuta precisa ser realizada de forma coletiva, com o intuito de promover a reflexão com o conjunto de trabalhadores. Essa proposta de intervenção visa possibilitar que o sujeito se reapropriar da realidade de seu trabalho, e dessa maneira, busque estratégias para torná-la mais saudável (Heloani & Lancman, 2004).

A interpretação incide na questão de que o que trazem os trabalhadores, como por exemplo, vivências de prazer e sofrimento, é de ordem subjetiva. Esses dados passam pela subjetividade do pesquisador também. Ao falar sobre seu trabalho, os sujeitos podem formular o que antes desse processo não estava claro para eles (Dejours, 2008).

Diante da complexidade do campo e a dificuldade em outras tentativas de realizar ações grupais com esse público, foi realizada uma adaptada metodologia em Psicodinâmica do Trabalho *strictu sensu*. Utilizou-se assim, entrevistas individuais semi-estruturadas, ao invés de encontros grupais, com as professoras como técnica para o levantamento das informações. A metodologia da Psicodinâmica do Trabalho possui uma série de etapas para o processo de construção da pesquisa, sendo elas a pré-pesquisa, a pesquisa propriamente dita e a validação (Dejours, 2008; Mendes, 2007).

A pré-pesquisa compreende uma aproximação com o campo a ser pesquisado. Se procura obter o máximo de informações possíveis sobre o processo de trabalho, principalmente sobre a organização real, na qual se realizará a pesquisa propriamente dita (Dejours, 2008). Nessa etapa procurou-se literatura sobre o assunto. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, por meio da CAAE 80813717.3.0000.5343 realizou-se os contatos com o público-alvo. Também houve a constituição de um grupo de pesquisadoras com colegas do curso de graduação para discutir sobre as leituras e sobre a pesquisa que estava sendo desenvolvida.

A pesquisa propriamente dita é caracterizada como os diversos encontros que acontecem com os sujeitos. O interesse é sobre o comentário verbal dos trabalhadores, a sua versão e não a realidade em si (Dejours, 2008). Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com oito professoras da educação infantil, em local combinado previamente. Foi utilizada a técnica de bola de neve para seleção de amostragem, em que uma participante indica a outra (Biernacki & Waldorf, 1981). Participaram da pesquisa oito mulheres, com idades entre 33 e 40 anos, professoras da rede pública de ensino de um município do interior do Rio Grande do Sul-RS. Todas são graduadas em Pedagogia, algumas com habilitação específica em educação infantil e quatro delas

com pós-graduação nessa área também. Dejours et al. (1994) afirmam que é por meio da palavra dos trabalhadores que teremos acesso ao sofrimento deles. As explicações verbais sobre suas vivências possibilitarão que se compreenda como a relação entre saúde e trabalho se articula no coletivo.

A validação corresponde à devolução aos participantes com uma reunião específica, após a análise inicial dos dados, na qual pode-se entregar um relatório final sobre a pesquisa para eles (Dejours, 2008). Nessa pesquisa, também foi adaptada essa fase, pois no final de cada entrevista questionava-se como as docentes estavam se sentindo após a conversa, para que elas pudessem dar um “retorno” do que a entrevista foi capaz de produzir como reflexão sobre o trabalho e como este interfere na vida delas. Elas relataram que foi muito bom poder compartilhar suas vivências de trabalho com a pesquisadora. Também se percebeu que foi um momento de fala, escuta e, em muitas ocasiões, desabafo em que puderam expressar o que estavam sentindo em relação ao trabalho, pois nem sempre outros espaços de escuta estão disponíveis. Com base nas falas das professoras, foi possível validar a pesquisa e entender sua relevância social, pois elas mesmas relataram que sentiram acolhidas e ouvidas após a realização das entrevistas.

Resultados e discussão

Com base no material obtido na análise dos dados, os assuntos discutidos foram divididos em três eixos temáticos, sendo eles: a docência na educação infantil, que envolve a organização do trabalho; impacto na saúde, incluindo o prazer e o sofrimento; e o reconhecimento do trabalho. Essa divisão se deu para melhor organizar o material, porém, se inter-relacionam entre si.

A docência na educação infantil

De acordo com o primeiro objetivo da pesquisa que buscou entender as modificações no mundo do trabalho no contexto da educação infantil, surgiu o eixo-temático sobre a docência nessa etapa de ensino. Serão discutidos alguns marcos históricos em relação a essa etapa, bem como o modo como as professoras percebem seu trabalho, o que foi identificado a partir das entrevistas.

O mundo do trabalho passou por diversas transformações ao longo da história. Essas mudanças requerem que os trabalhadores possam acompanhá-las, buscando se adaptar aos novos tempos, em que a organização do trabalho tem produzido consequências na subjetividade e saúde das professoras.

A reestruturação da atividade docente provocou várias consequências para a organização escolar, principalmente em relação a polivalência e intensificação do trabalho, com o aumento das tarefas a serem realizadas (Brito et al., 2014). Desse modo, o tempo também tem uma nova significação, em que deve ser aproveitado com a produção de algo concreto, que seja visível. Nesta

perspectiva, as professoras da educação infantil vêm vivenciando um importante momento histórico quanto à construção de sua identidade profissional. Dentre eles estão a busca e a necessidade de formação constante, além da reflexão sobre a prática pedagógica nas instituições de ensino de crianças. Nos anos 1990 houve a regulamentação da educação infantil a partir da LDB, lei nº 9.393 de 1996, especificando-a como a primeira etapa da educação básica (Brasil, 1996).

Dentre as transformações podemos destacar a transição de creche para escola de educação infantil. Esse fato ocorreu para atender novas exigências, dentre elas a integração ao ensino básico até 1999 (Martins et al., 2014). A criança até então não era considerada como um ser integral, tendo como princípios apenas o cuidado e o assistencialismo, sem o enfoque do educar. A fala abaixo representa essa transição:

[...] primeiro foi que virou escola né, na verdade no papel é pra ser escola, e tá certo que na prática mesmo não tá sendo respeitado isso, mas eu gostei tipo da valorização e tudo e eu comecei a estudar bastante essas coisas das leis né, então eu vi que tudo, tudo voltado pra melhorar pra criança, é educação, LDB também e nela foi incluída a educação infantil ali [...].

Muitos avanços ocorreram nessa etapa da educação, e assim as docentes passam a ter um papel importante, já que sua função vai além de cuidar, mas também de promover espaço de aprendizagem. A LDB exigiu formação específica às professoras desse nível de ensino. Viu-se que os princípios do cuidar e do educar devem ser complementares e associados, percebendo a criança como um ser integral e o caráter pedagógico na infância como imprescindível (Bruel, 2010). Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que estão em vigência atualmente, a primeira etapa da educação básica é oferecida em espaços institucionais onde crianças de zero a cinco anos são cuidadas e educadas em tempo integral ou parcial (Brasil, 2010).

As docentes abordam a importância do seu trabalho e que este terá reflexos no futuro, muito mais do que “resultados” imediatos. O educar acrescentado ao cuidar na educação infantil tem contribuído para uma prática mais comprometida com as necessidades e potencialidades das crianças, seguindo o pensamento de uma das entrevistadas que nos diz que “[...] a educação infantil é um todo né [...]”.

[...] então eu faço um trabalho que vai aparecer lá no futuro, de repente não vai aparecer hoje, o meu trabalho vai aparecer mais adiante, por isso que eu acho que de repente também não se dá tanta importância, porque ele não é uma coisa que, não tem um resultado imediato [...].

As leis também foram se adequando a essas novas possibilidades de ensino, já que as mulheres também foram ocupando o espaço laboral fora do âmbito doméstico. Algumas das

professoras fizeram a escolha pelo magistério após alguma experiência na área, outras por serem consideradas como “tendo o perfil” e outras por terem “espelhos” em casa, em que já tinha algum professor na família, geralmente a mãe.

No contexto atual devido ao maior número de crianças atendidas nas escolas e para não aumentar o valor da folha de pagamento das professoras, decidiu-se que as que já estavam trabalhando mediante concurso abrangeriam mais turmas dentro da mesma carga horária. Esta mudança implica na precarização do trabalho e, conseqüentemente, em sua sobrecarga.

Trabalhar com crianças muito pequenas, no início da vida, requer muita responsabilidade e atenção. As professoras se reconhecem como alguém importante para uma educação de qualidade, para fazer a diferença na vida dos educandos que passam por elas. Porém, com a nova modalidade laboral, sentem que esse fator fica comprometido, pois não conseguem integrar o cuidado ao educar. Nesse sentido, percebe-se que a organização do trabalho docente teve algumas mudanças, as quais serão discutidas a seguir.

Organização do trabalho

A docência na educação infantil passou por algumas modificações. Nesse sentido, neste sub-eixo são abordados o modo como a atividade docente nessa etapa de ensino tem sido organizada atualmente. Pode-se constatar mudanças recentes nas instituições públicas de educação infantil do município em que a pesquisa foi realizada. Estas correspondem a algumas professoras passarem a ser responsáveis pela parte pedagógica de mais de uma turma simultaneamente, precisando fazer o planejamento e os pareceres destes alunos. Neste sentido, o cuidado direto das crianças passa a ser realizado pelos estagiários e atendentes. Isso tem interferido na organização do trabalho, na subjetividade das trabalhadoras, bem como na saúde mental das docentes, já que tem ocasionado uma importante sobrecarga de trabalho e uma burocratização deste fazer.

A organização do trabalho diz respeito não só a divisão do mesmo, mas também das tarefas, os ritmos determinados e os modos operatórios prescritos. Refere-se também especialmente a divisão dos sujeitos para a realização das tarefas, na qual há a representação hierárquica e sistemas de controle, além da questão da responsabilidade e relações de poder (Dejours, 1992).

Diferentemente das condições de trabalho que atuam principalmente sobre o corpo, a organização do trabalho age sobre o funcionamento psíquico do sujeito. A divisão das tarefas e o modo operatório estão atrelados ao sentido e ao interesse por parte do trabalhador na realização de suas atividades. Já a divisão dos seres humanos remete a relação entre as pessoas e as suas mobilizações afetivas (Dejours et al., 1994).

Em relação a pesquisa realizada com docentes da educação infantil, podemos afirmar que o modo como o trabalho está organizado impacta diretamente na vida das professoras. Ao conseguir

aprovação e nomeação em um concurso há a conquista da estabilidade empregatícia. Entretanto, isso não significa que o trabalho será bom, prazeroso. No caso das pesquisadas a gestão municipal decidiu adotar um modelo de organização que elas consideram inviável, sem consultá-las. O vínculo com a atividade laboral ficou frágil, o espaço ocupado pelas professoras foi totalmente modificado. A partir da fala abaixo pode-se identificar esse aspecto da organização do trabalho:

[...] agora esse ano tá difícil, né, porque eu ganhei três turmas, uma turma de dois anos e duas turmas de três anos. Então com a direção a gente acertou de eu entrar uma tarde em cada turma né, porque se eu teria que entrar um pouquinho em cada turma daria uma hora e pouco né, então eu pegaria rotina, coisas que fazem parte da educação infantil, mas o trabalho pedagógico que falam né, dificilmente eu conseguiria desenvolver né, entrando uma hora e pouco.

Existe uma discrepância entre o trabalho prescrito e o real, sendo que trabalhar é preencher essa lacuna. O caminho a ser percorrido entre o prescrito e o real deve ser descoberto, inventado pela própria pessoa que trabalha (Dejours, 2004). O trabalho possui a interferência do ser humano às prescrições da sua organização para alcançar determinados objetivos. Também há o investimento de si mesmo para dar conta do que seria inviável de ser executado seguindo apenas à prescrição da atividade (Perez, 2012).

As docentes relatam que seu trabalho praticamente se resume a “colocar no papel”, escrever projetos e que a execução de suas ideias será realizada pelos atendentes e estagiários, se eles acolherem a proposta. Com isso, se sentem como excluídas do processo educacional e seu trabalho fica esvaziado de sentido. Nessa perspectiva, as professoras ficam responsáveis pelo trabalho prescrito e o trabalho real é realizado pelos outros profissionais. Essa distância entre a prescrição e o que acontece de fato no cotidiano laboral fragmenta o trabalho e não possibilita a noção do todo da atividade. O que elas aprenderam teoricamente em sua formação fica longe do que atualmente está sendo vivenciado na prática. A fala abaixo retrata isso:

Eu virei uma profe de papel, [...] eu tenho projetos lindos no papel e eu não, na prática, eu não sou professora.

Como essa nova organização de trabalho é recente, tem provocado muitos descontentamentos, pois não levou em consideração a opinião de quem está no cotidiano na escola, ou seja, as professoras. Foi uma decisão tomada pela gestão da educação municipal não passando pela análise do coletivo docente. Para Moraes, Vasconcelos e Cunha (2012), a autonomia é um fator importante para propor novas formas de organização do trabalho, por meio da mobilização da inteligência prática, para a elaboração de novas maneiras de desempenhar suas tarefas, sendo um fator importante para a realização e satisfação no trabalho. Nas entrevistas realizadas, no momento atual

em que as pesquisadas precisam ser responsáveis pelo aspecto pedagógico de mais de uma turma ao mesmo tempo, isso não acontece, o que pode ser percebido na fala:

[...] agora eu não tenho mais essa autonomia entendeu, porque agora eu tenho uns minutos na turma e eu não sei mais.

As docentes avaliam que o trabalho era mais satisfatório quando era permitido que ficassem com uma turma, assim conseguiam ter autonomia no ensino e uma compreensão do todo referente a educação infantil de uma turma em específico. Com essa mudança em que tiveram que assumir duas turmas ou mais na faixa etária de zero aos três anos, tal fator tem acarretado uma sobrecarga de trabalho, pois precisam planejar e fazer os pareceres de todas essas crianças. Além disso, precisam também elaborar os materiais para as aulas, já que na educação infantil se trabalha muito com o concreto e o lúdico.

Professor de educação infantil [...] tem muita coisinha pra fabricar, muito concreto [...] tipo de ficar até uma hora da manhã.

“A organização do trabalho é uma relação social, é um compromisso entre objetivos e prescrições (procedimentos, maneira de organizar o trabalho, método) e as dificuldades reais para a realização do trabalho” (Lancman & Uchida, 2003, p. 87). O ser humano possui uma história singular, é portador de desejos e projetos, desse modo reage a realidade de maneira original (Dejours et al., 1994). A Psicodinâmica do Trabalho busca compreender a dinâmica psíquica em relação aos conflitos gerados pelo confronto entre o desejo do trabalhador e as formas de gestão do trabalho (Augusto et al., 2014). Com isso, as vivências em relação ao trabalho são subjetivas e são experienciadas diferentemente de uma pessoa para outra. Todas essas mudanças interferem na saúde das docentes, tal questão será abordada no próximo eixo.

Impactos na saúde

No segundo eixo temático busca-se identificar como o trabalho docente na educação infantil produz impactos na saúde das professoras. No sub-eixo serão abordados os fatores de sofrimento e prazer advindos da atividade laboral.

A relação trabalho e saúde é algo que provoca muitas reflexões. A organização do trabalho, conforme mencionado no eixo temático anterior, interfere na vida das professoras, e nessa situação em especial, tem tido efeitos prejudiciais. “Não há neutralidade do trabalho diante da saúde mental” (Dejours, 2003, p. 35).

O contexto laboral tem influência nas vivências de prazer e sofrimento, e esta dinâmica constitui a subjetividade do trabalhador. Elas se referem ao sentido resultante da interação entre as condições subjetivas, relativas do sujeito, e objetivas, correspondentes a realidade de trabalho. O sofrimento é um indicativo de saúde, pois ser saudável não significa sua ausência. Nesse sentido, além de ser uma vivência de afetos dolorosos, é mobilizador de mudanças de situações que provocam o sofrimento (Augusto et al., 2014).

“O sofrimento assume um papel fundamental que articula ao mesmo tempo a saúde e a patologia” (Mendes, 2007, p. 37). Nessa perspectiva, saúde diz respeito ao enfrentamento das pressões e imposições do trabalho, que provocam instabilidade psíquica e que podem ser transformadas em prazer. Já a patologia compreende falhas no modo como ocorre o enfrentamento do sofrimento e predomina o desejo da produção sobre o desejo dos sujeitos-trabalhadores (Mendes, 2007). O sofrimento sempre existirá no contexto laboral, mas com isso não se quer dizer que ele sempre causará adoecimento. Quando a pessoa consegue criar formas de enfrentamento e se ver enquanto alguém que possui desejos, para além de uma força produtiva ele pode ser ressignificado e a saúde mantida.

Segundo Vieira, Gonçalves e Martins (2016) há um grande número de docentes da educação básica se afastando do trabalho por meio de licenças de saúde. Os resultados de estudos realizados em Pelotas indicam que as professoras que mais solicitaram às licenças foram da educação infantil, em que prevalecem os problemas mentais, comportamentais e osteomusculares (Vieira et al., 2010).

A partir das entrevistas percebeu-se que as docentes parecem não se reconhecer mais no seu trabalho. Tristeza, abalo emocional e psicológico, choro, medicações dentre outras psicossomatizações fazem parte da vida das profissionais. Porém, elas se sentem realizadas na função que escolheram, mesmo com essa atuação simultânea gerando grande sofrimento. A seguir algumas falas exemplificam o estado de saúde psíquica das professoras:

Então, eu no momento assim eu tô bem abalada sabe, ãh, bem triste, que não é, eu não sou assim, na verdade a prefeitura me entristeceu, [...] me matou por dentro assim, [...] eu só quero trabalhar, da maneira que eu acredito, [...] hoje a modalidade que eles querem é que a gente faça de conta, que eu entre, faça uma chamada, escreva lá um planejamento de crianças que eu não vejo e o que mais me incomoda, eu além de não ver eu não vivo [...].

Sobrecarregada. [...] Eu virei uma profe volante que eles falam, que tu atende três turmas simultaneamente, então eu tenho sessenta alunos no meu período da manhã e mais vinte no turno da tarde. Então isso me dá uma sobrecarga de trabalho, uma frustração enorme [...] porque eu vou ter que fazer essa avaliação depois, como fazer uma avaliação se eu não vivi.

Ah, eu não durmo bem né, eu preciso de medicação pra dormir e aí como eu tomo medicação pra dormir eu preciso de um remédio pra acordar né, [...] então essa é a minha saúde mental assim, pra desligar eu preciso de uma medicação e pra acordar eu preciso de outra.

Além das questões psíquicas, o corpo, o fisiológico também é afetado de forma significativa. Muitas vezes essas manifestações não são relacionadas ao trabalho, como se este fosse fonte somente de aspectos positivos. Pensar sobre como a atividade laboral está interferindo na saúde, refletir sobre o trabalho, é difícil e possui muitas resistências por parte de inúmeros trabalhadores. As professoras entrevistadas relataram algumas manifestações corporais, como insônia e dores musculares, que podem estar associadas às insatisfações frente ao contexto laboral.

[...] eu acho que tem tudo a ver o estresse também porque eu tô toda dura, toda dura, nas costas, ui, deixa eu vê, aqui tudo eu sinto dor [região dos ombros], e quando eu boto a mão, eu sinto que os meus músculos estão tudo dolorido assim, tudo duro, que é de tensão também, é de tensão porque daí tu tem que dá conta daquilo né [...].

A dinâmica das relações da organização do trabalho e as formas de subjetivação se expressam pelas vivências prazerosas ou de sofrimento, para mediar as contradições existentes e as patologias sociais, na saúde e no adoecimento. Tal dinâmica envolve o investimento da inteligência prática, bem como da personalidade e cooperação, como fatores para dar conta da “loucura” do trabalho e manter a saúde, a medida que são utilizados como confronto a dominação da organização do trabalho (Mendes, 2007).

As entrevistadas gostam de estar na escola, de estar em sala de aula, de (con)viver com as crianças. Se reconhecem estando em contato com os alunos com uma turma por turno, com a qual conseguem desenvolver atividades que potencializam o aprendizado das crianças. O sentido maior do trabalho está no vínculo construído com os alunos, na troca afetiva, no encontro destes. Isso possibilita uma relação satisfatória com o trabalho e a vontade de estar realizando o que acreditam nesse processo de educar e de cuidar na primeira etapa da educação básica. Porém, essa nova questão está sobrecarregando as docentes e precarizando o trabalho. Há um desgaste emocional e psicológico decorrentes dessa sobrecarga e da nova organização do trabalho. Assim sendo, a dinâmica do prazer e sofrimento é evidenciada, fazendo parte do cotidiano laboral e será mencionada a seguir.

Prazer e sofrimento como indicadores de saúde

A organização do trabalho é central para se pensar como os trabalhadores produzem vivências de prazer e sofrimento (Castro & Merlo, 2011). Estas são importantes para se pensar na saúde dos

trabalhadores. O sofrimento remete ao “[...] espaço de luta que ocorre no campo situado entre, de um lado, o bem-estar, e, de outro, a doença mental e a loucura” (Dejours, 1993, p. 153).

Para Mendes (2007) a Psicodinâmica do Trabalho tem como objeto o estudo das relações entre a organização laboral e os processos de subjetivação. Nessa perspectiva, a autora acrescenta que há um processo de atribuição de sentido, baseado na relação do trabalhador com sua realidade laboral, sendo expresso nas formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos ou do coletivo.

O sofrimento é uma vivência intermediária entre a saúde e a doença e está inerente ao mundo do trabalho, onde há o encontro de um sujeito, de sua história pessoal e da organização do trabalho. Identificam-se dois tipos de sofrimento oriundos da organização do trabalho: o patogênico, que ocorre quando todas as defesas do sujeito e a liberdade na organização do trabalho foram utilizadas, possibilitando o desequilíbrio psíquico e o aparecimento da doença; e o criativo, quando o sujeito consegue elaborar soluções originais que lhe propiciem saúde (Machado & Merlo, 2008). Como fatores de sofrimento estão a imposição da organização do trabalho, em relação à gestão municipal, falta de autonomia, sobrecarga de trabalho, além das fofocas entre colegas, falta de comunicação entre a comunidade escolar. Essas questões estão expressas nas falas abaixo.

Não me sinto a vontade, nem, daqui a pouco vou ter que fazer um parecer, que eu vou falar de uma criança que eu não tenho contato, então agora tá bem difícil.

Mas eu me sinto muito desanimada, de semana passada eu chegar de manhã assim, meu Deus, acho que eu queria ficar doente pra não ter que ir trabalhar sabe, isso pra mim é um absurdo [...].

O sofrimento surge mediante ao bloqueio da relação do trabalhador com a organização do trabalho, em que está não pode ser modificada. Assim, a energia pulsional não consegue ser descarregada no exercício laboral e acaba se acumulando no aparelho psíquico. Essa energia não fica “armazenada” ali por muito tempo a recua para o corpo, se traduzindo numa manifestação somática (Dejours et al., 1994). Segundo Araújo e Mendes (2014), a dor é a energia que o sujeito despende centrado em si mesmo. Acrescentam que sofrer é a forma de se indignar, pensar, sentir e agir frente a uma realidade cruel.

Se o sofrimento não gera descompensação psicológica é porque o sujeito emprega estratégias defensivas para estabilizá-la (Dejours, 2007). A Psicodinâmica do Trabalho tem como objetivo não estudar as doenças mentais advindas da atividade laboral, mas a normalidade (Dejours et al., 1994). O saudável é resultante do compromisso entre o sofrimento a criação de estratégias individuais e coletivas que podem ser consideradas como um movimento da manutenção da saúde. Dessa maneira, intervir na organização do trabalho se configura como contribuição para o processo saudável (Mendes, 2007).

As estratégias defensivas apontam uma dualidade sobre o sofrimento laboral. Por um lado se constitui como importante para que o sujeito consiga se adaptar às pressões, sem enlouquecer e continuar trabalhando. Por outro, implica na estabilidade da relação subjetiva com a organização do trabalho, de modo que se resiste à mudança (Perez, 2014).

Entretanto, o sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer. Na Psicodinâmica do Trabalho a palavra assume papel de destaque. Ela também possibilita a expressão de desejos, emoções, dos sentimentos mais íntimos. Proporciona que o acontecimento seja resgatado, em que haja a percepção de como o trabalhador significou tal situação, transformando o que o fez sofrer em experiência, em ensinamento interior. Nessa perspectiva teórica se procura possibilitar que o manejo do sofrimento seja construído pelos próprios trabalhadores (Araújo & Mendes, 2014).

A questão do coletivo, da união, da troca entre colegas, da cooperação é um fator importante do que gostam no trabalho. O prazer no trabalho é atrelado principalmente ao contato com as crianças, ao retorno que elas dão, a troca afetiva. Isso fica evidente nas falas abaixo:

[...] o afeto das crianças é uma coisa assim fora sabe, essa coisa, esse contato com as crianças, é o carinho, é essa afetividade, esses laços que tu cria com as crianças, com os pequenos é diferente do que com as crianças maiores, não é mesma coisa.

As crianças, eu adoro, é assim, eu não consigo me ver agora trabalhando em outro lugar, nem, nem direção de escola nada, que quero trabalhar em sala de aula com as crianças, a troca que tem entre eu e eles é o que me motiva a trabalhar com eles.

Percebe-se o quanto as entrevistadas investiram na educação infantil, se qualificando para atuarem nessa área. Essa nova organização de trabalho imposta tem causado grande sofrimento as professoras. Elas trazem que é a prática que dá sentido ao seu trabalho e não a escrita de projetos. Essa descartabilidade que sentem em relação a sua profissão, traz sofrimento e se não conseguirem ressignificá-lo, poderão adoecer. A construção de estratégias defensivas é importante para conseguirem permanecer no trabalho e lidar com as vivências de sofrimento decorrentes do contexto laboral para buscar a saúde, mesmo impossibilitando a transformação da organização do trabalho, já que estas trabalhadoras passam a não se dar conta do real do trabalho.

O espaço de fala e o coletivo são vistos como aspectos que contribuem para a ressignificação do sofrimento e, assim, para a saúde mental (Castro & Merlo, 2011). No caso das professoras verificou-se a mobilização coletiva em busca de reivindicação para melhorar a organização do trabalho, em busca do prazer.

[...] a gente tá lutando assim com a ajuda do sindicato, vendo Ministério Público e vendo outras formas assim de que a gente possa fazer com que ele não seja aprovado né, acho que isso é o que a gente mais quer, porque daí vai ser muito complicado.

[...]eles achavam que a gente ia aceitar numa boa, porque as profes eram de creche, as tias, não dizem, mas a gente sente isso sabe, porque eles não consultaram ninguém e acho que eles levaram isso por surpresa.

Ao serem questionadas sobre a saúde, geralmente respondiam de maneira imediata que estava tudo bem. Uma das coisas que chamou atenção é que todas levam bastante atividades para serem feitas em casa, pois não conseguem dar conta de todas as atividades dentro da carga horária de trabalho. Algumas separam momentos de lazer com a família, para cuidar de si, mas nem sempre isso acontece, principalmente no início da carreira. As vezes a medicação precisa fazer parte da vida das professoras para se manterem no trabalho. Quando o envolvimento emocional está mais presente, maior é o impacto da atividade laboral na vida delas e, conseqüentemente, maior o sofrimento. Todas escolheram atuar nessa profissão, sendo que algumas iniciaram como monitoras, estagiárias e se identificaram com o trabalho, decidindo investir na formação para atuar nessa área. Nesse sentido, a questão do reconhecimento é de extrema importância quando estamos abordando o assunto do trabalho, o que será discutido no próximo eixo.

Reconhecimento

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como o reconhecimento interfere na saúde das professoras de educação infantil. Este aspecto está intimamente relacionado ao prazer e sofrimento, a saúde e ao adoecimento laboral. Gernet e Dejours (2011) afirmam que o reconhecimento do trabalho corresponde a realização do “eu” no campo social. É importante ressaltar que sempre há conflitiva entre o sujeito e o trabalho prescrito e real, e acontece dentro das relações sociais no contexto laboral. Nesse sentido, um elemento fundamental para a transformação do sofrimento em prazer e de sentido para o trabalho é o reconhecimento (Spode & Merlo, 2006).

O trabalho é central na luta contra o adoecimento, em que há a construção do reconhecimento social para o trabalhador (Bottega & Merlo, 2010). Para a Psicodinâmica do Trabalho a identidade é a armadura da saúde mental, sendo construída constantemente. A maioria das pessoas não pode elaborar a identidade a partir de si mesmas. Portanto, a confirmação pelo olhar do outro se torna essencial. Por meio do reconhecimento o trabalho não representa apenas a produção de bens ou serviços, significa também a transformação de si mesmo. A respeito da importância do reconhecimento para a construção identitária, é que ele visa o fazer, ou seja, o trabalho realizado, e não o sujeito (Gernet & Dejours, 2011).

A engenhosidade, a inteligência do corpo e a dinâmica do reconhecimento são importantes para a transformação do sofrimento em prazer, conferindo sentido e valor ao sofrimento (Dejours, 2007). Este sentido se dá no encontro da subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo de trabalho (Mendes, 2007). O coletivo é fundamental para a transformação das condições e da organização do trabalho, quando esta não é favorável ao desenvolvimento e satisfação do ser humano.

É importante que as pessoas consigam encontrar formas de resistir e se sintam reconhecidas nos diferentes contextos nos quais convive, pois caso isso não aconteça, podem perder o sentido no trabalho e na vida (Seligmann-Silva, 2011). “O processo de reconhecimento do trabalho pode ser registrado no âmbito da personalidade afetando a identidade do trabalhador” (Perez, 2014, p. 120).

Para a Psicodinâmica do Trabalho o reconhecimento laboral ocorre por duas vias de julgamento. Uma delas é apreciação pela utilidade, sendo técnica, social ou econômica, conferida pela hierarquia, pelos funcionários e em alguns casos pelos clientes. A outra é referente à beleza, é realizada pelos pares, ou seja, colegas da mesma profissão (Gernet & Dejours, 2011). Esta última também pode ser chamada de julgamento de estética e subdivide-se em dois níveis. O primeiro é muito exigente por vir dos pares, já que são os que mais sabem sobre aquela atividade e refere-se à qualidade do trabalho, incluindo o respeito pelas normas. Quando ele é proferido, reconhecendo o saber-fazer do sujeito, este sente-se pertencente ao coletivo de trabalhadores. No segundo nível, a originalidade do trabalho é o que se torna reconhecido, o que faz com que o produto desenvolvido por cada sujeito seja único. Este nível implica na identidade do trabalhador (Castro & Merlo, 2011).

Neves e Silva (2006) colocam que uma das maiores queixas apontadas pelas docentes se refere à falta de reconhecimento social, o que também colabora para nossa compreensão da sua localização profissional e social e qual a relação com a saúde mental desses sujeitos. O reconhecimento do professor de educação infantil pelos pais está ocorrendo de forma gradativa. Já pela gestão municipal e nas demais instâncias, geralmente se mostra ausente, o que é perceptível nas falas abaixo:

[...] falando no todo assim, pouco valorizado né, ãh, quando se fala em educação se esquece muito da educação infantil [...].

[...] e é uma falta de respeito muito grande, de tu ouvir assim “a, tu tá numa EMEI [Escola Municipal de Educação Infantil], tu não é professora sabe”, não pera aí, eu sou quem então? Eu sou quem então, fiz a faculdade pra que né.

A retribuição pela contribuição que realiza a organização do trabalho é esperada pelo trabalhador e possui uma natureza simbólica (Castro & Merlo, 2011). Em relação às professoras da

educação infantil, percebemos que há uma construção cultural em sua identificação e reconhecimento. Nas creches as cuidadoras das crianças eram historicamente chamadas de “tias”, remetendo a uma pessoa da família e descaracterizando a relação profissional. Tal fato é ressaltado por Beraldo e Carvalho (2006), sendo uma das formas de desvalorização da profissional se expressa algumas vezes, nesse costume.

[...] é bem complicada essa questão, porque assim a tia seria uma extensão da casa né, da família. Em alguns momentos sim a gente é extensão, mas eu acho que no momento que tu é considerado como professor, e em respeito a minha titulação e a minha formação, sim eu sou professora né [...].

Dentro das relações que estão estabelecidas no trabalho, sabemos que é de extrema importância o sujeito sentir-se reconhecido perante o outro, sendo essa visibilidade fundamental para a construção da identidade e do sentimento de satisfação laboral. Brito et al. (2014) citam que o reconhecimento das professoras se dá crucialmente pelos estudantes. As profissionais buscam que seu trabalho seja reconhecido, visibilizado e valorizado perante os outros. Pelas falas das professoras percebemos que o reconhecimento maior é das crianças, que demonstram afetivamente a importância delas para eles, seja por um elogio, por dizer que as amam.

As vezes a gente chega assim tá meio ruim, eles olham “ai profe, como tu tá linda hoje” e a gente nem tá, nem, cabelo amarrado, tá uma coisa assim, mas aquilo ali já dá, daí eles vem e me abraçam “profe, eu te amo muito” [...].

Ainda a visão de creche é muito presente, de que as profissionais ainda são consideradas como “tias”. Estão buscando mostrar sua importância e buscando sua valorização perante a sociedade. A partir das entrevistas realizadas, percebemos o quanto essa questão do reconhecimento é importante para as professoras. Ao serem questionadas sobre como as pessoas veem seu trabalho, elas respondiam de forma separada, pois pela gestão esse fator se mostra ausente e pelos pais está ocorrendo de forma gradativa. Elas se referiam a esses dois públicos, mas em suas falas traziam que o que motiva a continuarem na profissão é as crianças, das quais recebem afeto, demonstrações de carinho. O reconhecimento maior vem de quem possuem uma relação direta, em que há a construção de um vínculo. É perceptível que elas se sentem importantes, já que se qualificam para estarem atuando na educação infantil e buscam por em prática seus ideais. Quando esse contato, esse vínculo é impossibilitado, gera um sofrimento nestas, já que possuem responsabilidades sobre as crianças e precisam fazer documentos (pareceres) a respeito destas.

Considerações finais

Com base na pesquisa realizada, pode-se concluir que o reconhecimento é fundamental para a manutenção da saúde das professoras de educação infantil. Esse elemento é essencial para que o sofrimento advindo do contexto laboral possa ser transformado em prazer. A desvalorização da educação como um todo no contexto brasileiro, principalmente da primeira etapa, acontece por parte dos gestores municipais, estaduais e federais. Os pais das crianças com as quais trabalham estão gradativamente percebendo a importância do trabalho docente. Esta atividade não se refere apenas ao ato de cuidar, mas propiciar um ambiente favorável para o desenvolvimento integral de cada ser humano.

Este estudo é um recorte da realidade e possui como intuito instigar outras pesquisas, sem encerrar a discussão. Dentre as limitações desta pesquisa, pode-se citar o número de participantes e por ser realizada em apenas um único município. Os aspectos relacionados à saúde foram abordados de maneira breve, o que pode suscitar novas pesquisas, bem como sobre o significado do trabalho em suas vidas. Outra questão que também poderia ser aprofundada é sobre as estratégias defensivas das quais lançam mão para não adoecer na atividade laboral.

Os questionamentos a respeito da saúde, do que gostam e do que não gostam em seus afazeres foram as que mais provocaram reflexão nas pesquisadas. Muitas pararam para pensar sobre si, como o trabalho interfere na sua vida, pois muitas vezes na correria do dia-a-dia vivem no automático. Ter o espaço de escuta foi muito importante para as professoras, pois nem sempre têm a sua disposição essa possibilidade. Apesar de nem sempre ser fácil refletir sobre o trabalho, esse exercício é fundamental para a ressignificação do sofrimento, bem como de construção de novas possibilidades e estratégias defensivas. O não falar também quer comunicar algo e este fator precisa ser levado em consideração nas pesquisas e estudos no campo da saúde e trabalho.

Referências

- Antunes, R. (1998). Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho (5ª ed.). São Paulo: Cortez. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Araújo, L. K. R. & Mendes, A. M. (2014). Reflexões sobre a clínica Psicodinâmica do Trabalho no contexto sindical. In A. M. Mendes, C. G. Bottega & T. da C. M. Castro (Orgs.), Clínica psicodinâmica do trabalho de professores: práticas em saúde do trabalhador (pp. 25-37). Curitiba: Juruá.
- Augusto, M. M., Freitas, L. G. de & Mendes, A. M. (2014). Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de uma fundação pública de pesquisa. *Psicologia em Revista*, 20 (1), 34-55.

- Beraldo, K. E. A. & Carvalho, A. M. A. (2006). Ouvindo educadoras de creche sobre suas experiências no trabalho. *Temas em Psicologia*, 14 (1), 35-49.
- Bertani, I. F. & Barreto, S. A. P. (2004). As transformações no mundo do trabalho e as consequências na subjetividade dos indivíduos. *KATÁLYSIS*, 7 (2), 203-207.
- Biernacki, P. & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10 (2), 141-163.
- Bottega, C. G. & Merlo, A. R. C. (2010). Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13 (2), p. 259-275.
- Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Brasil. (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB.
- Brasil. (2017). Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.
- Brito, J., Bercot, R., Horellou-Lafarge, C., Neves, M. Y., Oliveira, S. & Rotenberg, L. (2014). Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. *Physis, Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 589-605.
- Bruel, A. L. de O. (2010). Políticas e legislação da educação básica no Brasil. Curitiba: Ibpx.
- Castro, T. da C. M. & Merlo, Á. R. C. (2011). Reconhecimento e saúde mental na atividade de segurança pública. *PSICOPUCRS*, 42(4), 474-480.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. (A. I. Paraguay & L. L. Ferreira, trad.). (5ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Dejours, C. (1993). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In J. F. Chanlat (Org.), *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas* (pp. 150-173). (2ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2003). *A banalização de injustiça social* (L. A. Monjardim, trad.). (5ª ed.). Rio de Janeiro: FGV.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34.

- Dejours, C. (2007). Prefácio. In A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 19-22). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dejours, C. (2008). A metodologia em psicopatologia do trabalho. In: S. Lacman & L. I. Snelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 107-128). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. (M. I. S. Betiol, trad.). São Paulo: Atlas.
- Gernet, I. & Dejours, C. (2011). Avaliação do trabalho e reconhecimento. In P. F. Bendassolli & L. A. Soboll (Orgs.). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade* (pp. 61-70). São Paulo: Atlas.
- Heloani, R. & Lancman, S. (2004). *Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação*. *Revista Produção*, 14(3), 77-86.
- Lancman, S. & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 79-90.
- Machado, A. G. & Merlo, Á. R. C. (2008). Cuidadores: seus amores e suas dores. *Psicologia e Sociedade*, 20(3), 444-452.
- Martins, M. de F. D., Vieira, J. S., Feijó, J. R. & Bugs, V. (2014). O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17 (2), 281-289.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M., Araújo, L. K. R. & Merlo, A. R. C. (2011). Prática clínica em psicodinâmica do trabalho: experiências brasileiras. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade* (pp. 169-187). São Paulo: Atlas.
- Merlo, A. R. C. (2000). Transformações no mundo do trabalho e a saúde. In A. N. Jerusalinsky, A. R. C. Merlo & A. L. Giongo. *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 271-278). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Moraes, R. D. de, Vasconcelos, A. C. L. & Cunha, S. C. de P. da. (2012). Prazer no trabalho: o lugar da autonomia. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 12 (2), 217-228.
- Neves, M. Y. R. & Silva, E. S. (2006). A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, 6 (1), 63-75.
- Perez, K. V. (2012). “Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali”: clínica da psicodinâmica do trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado.

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Perez, K. V. (2014). A dinâmica do reconhecimento no trabalho docente: considerações sobre a atividade de professores do ensino superior privado. In A. M. Mendes, C. G. Bottega & T. da C. M. Castro (Orgs.), *Clínica psicodinâmica do trabalho de professores: práticas em saúde do trabalhador* (pp. 109-131). Curitiba: Juruá.
- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez Editora.
- Spode, C. B. & Merlo, A. R. C. (2006). Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. *Psicologia, reflexão e crítica*, 19 (3), 362-370.
- Vieira, J. S., Garcia, M. M. A., Martins, M. de F. D., Eslabão, L., Silva, A. F. de, Balinhas, V. G., Fetter, C. L. da R. & Gonçalves, V. B. (2010). Constituição das doenças da docência. *Cadernos de Educação*, (37), 303-324.
- Vieira, J. S., Gonçalves, V. B. & Martins, M. de F. D. (2016). Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. *Trab. Educ. Saúde*, 14 (2), 559-574.